

A VISÃO SAUSSURIANA DA LINGUAGEM:
A PARTIR DAS ANÁLISES DE MATTOSO CÂMARA (1975)

Denilson Pereira de Matos
Universidade Federal da Paraíba

Amanda de Souza Brito
Universidade Federal da Paraíba

RESUMO: A partir da contribuição de Mattoso Câmara Jr., em sua obra História da Linguística de 1975, mais precisamente em sua abordagem no capítulo XVII “A visão saussuriana da linguagem”, pretende-se com este trabalho algumas reflexões sobre a importância de Saussure na evolução do pensamento linguístico. Embora as teorias linguísticas tenham tomado vários rumos no decorrer da história, fatos realmente inovadores e determinantes do estudo linguístico atual só ocorreram com Ferdinand de Saussure que colaborou na formação dos estudos linguísticos centrais, sistematizando e estabelecendo o estudo descritivo. Consideraremos aqui a evolução do pensamento de Saussure em favor da Ciência Linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Saussure. Mattoso Câmara. Estudo descritivo. Evolução.

***ABSTRACT:** From the contribution of Mattoso Câmara Jr., in his work History of the Linguistic of 1975, more precisely in his approach of the chapter XVII “The Saussure view of the language”, it is intended with this work some reflections about the importance of Saussure in the evolution of the linguistic thought. Although the linguistic theories had taken several directions throughout the history, real determinant and innovative facts of the current linguistic study have only happened with Saussure who collaborated in the formation of the central linguistic studies, systematizing and establishing the descriptive study. Here we consider the evolution of the thought of Saussure in favor of the Linguistic Science.*

***KEYWORDS:** Saussure. Mattoso Câmara. Descriptive Study. Evolution.*

Introdução

Todo e qualquer debate e discussão que se façam com o objetivo de se retornar a Mattoso Câmara e/ou a reflexão sobre a importância de Saussure para o implemento da Linguística enquanto ciência é sempre bem-vindo. Munidos de uma convicção de que nada é tão novo na linguística contemporânea — sem desmerecer-lhe os óbvios méritos —, é sempre válido que se propague nos espaços científicos da pesquisa linguística a relevância destes autores.

Nesta proposta, que desejamos seja a primeira de várias que serão motivadas pelos estudos desenvolvidos no Grupo de Pesquisa Teorias Linguísticas de Base (TLB), do diretório CNPq, certificado pela UFPB¹, o presente estudo parte da análise de Mattoso Câmara em sua obra publicada fora do Brasil e traduzida por Maria do Amparo Barbosa de Azevedo: “História da Linguística” (1975), para tratar de alguns fundamentos da teoria saussuriana, a partir do capítulo XVII: “A visão saussuriana da linguagem”.

Assim, este artigo objetiva mostrar a evolução do pensamento saussuriano no que diz respeito às reflexões referentes aos conceitos fundadores da Linguística como ciência e a complementação e transcendência dos estudos dos neogramáticos, que consideravam a língua a partir do estudo histórico, e conseqüente contribuição fundamental para a formação do segundo pilar constituinte do âmago da ciência linguística: o estudo descritivo. Tem-se, dessa forma, uma ciência da linguagem que abarca o estudo histórico e estudo descritivo.

No contexto referido no parágrafo anterior, as reflexões feitas neste artigo versarão sobre os seguintes pontos: o movimento neogramático e sua transcendência por Saussure a partir da abordagem descritiva; a reunião das novas reflexões do estudioso na obra *Curso de Linguística Geral*; o seu interesse pela natureza da linguagem encarada como um sistema de signos e a consideração da língua como meio mais elaborado de sua utilização; os conceitos de significante e significado em comparação com o pensamento aristotélico no estudo lógico; as oposições da língua enquanto sistema bem organizado; os impasses para definição da língua enquanto sistema subjacente ao ato de fala e objeto de estudo em detrimento desta última em uma quebra da dicotomia de Humboldt (1972); e, por fim, a noção de sistema relacionada ao estabelecimento do estudo descritivo e conseqüente distinção entre a abordagem sincrônica e a diacrônica com prevalecimento da primeira.

¹ <http://dgp.cnpq.br/diretorioc/fontes/detalhegrupo.jsp?grupo=0083801S2DNU4G>

Para embasar teoricamente a apresentação dos pontos propostos foram utilizados os estudos de Câmara (1975), como norteadores do conteúdo e de sua exposição, bem como Saussure (1995), Bonnici (2009), Costa (2008) e Fontaine (1978).

Isto posto, vejamos como a evolução das ideias de Saussure pode ser desenvolvida nos pontos destacados e segundo os estudos referidos.

2. A evolução do pensamento saussuriano em contribuição para o desenvolvimento da linguística

Saussure, enquanto indo-europeísta, seguiu a doutrina dos neogramáticos embora demonstrasse originalidade ao tratar de pontos críticos da gramática do indo-europeu. Tendo em vista a relação do estudioso em questão com os neogramáticos, vejamos algumas informações sobre este movimento para chegarmos à complementação de seus pensamentos por Saussure em contribuição para o estudo evolutivo da linguística.

Inspirado nas ideias de Wilhelm Scherer no livro *A respeito da História da Língua Alemã*, 1868, o movimento dos neogramáticos teve como principais representantes Karl Brugmann, Hermann Osthoff, Berthold Delbrück, Jakob Warckernagel e Hermann Paul. August Leskien aderiu também ao movimento enquanto Graziadio Ascoli ligou-se a ele com algumas ressalvas. Johannes Schmidt, Hermann Collitz e Adalbert Bezzenger se mantiveram a parte mesmo concordando com muitas ideias dos neogramáticos (CÂMARA, 1975).

O movimento dos neogramáticos surge após a querela que ocorreu entre Georg Curtius e Karl Brugmann pelo fato de o primeiro não ter aceitado a publicação de Hermann Osthoff, aprovada por Brugmann, em exposição de seu ponto de vista referente ao “r” silábico no proto-indo-europeu na revista filosófica *Estudos sobre a Gramática Grega e Latina* da qual eram corretores.

Com a separação, Brugmann lança uma nova revista chamada *Investigações Morfológicas* tendo como corretor o amigo Osthoff, envolvido na querela citada.

Primeiramente, os alunos da Universidade de Leipzig que se opunham aos ensinamentos de Curtius foram chamados humoristicamente de “jovens gramáticos”. Posteriormente, Ascoli, traduzindo o termo alemão, substituiu “jovem” por “novo” e ocorreu a denominação “neogramáticos”.

Para a observação da evolução linguística ocorrida pela contribuição dos neogramáticos, consideraremos aqui o âmago da linguística constituído pelo estudo histórico, focado por eles, e pelo estudo descritivo, enfatizando este úl-

timo que ainda não existia, tendo seu lugar ocupado pelo estudo pré-linguístico do “certo” e “errado”:

É este tipo de estudo que cria o que, tradicionalmente, chamamos de gramática. *Ele não possuir gramática* significa que o falante em questão não dominou os traços linguísticos mantidos pelas classes superiores como marca do seu *status*. O estudo da linguagem, sob este ponto de vista, é um estudo sistemático desses traços. Chamemo-lo de *O Estudo do Certo e do Errado*. (CÂMARA, 1975, p. 16)

Câmara ainda informa, no capítulo XVII em questão, que Saussure complementa os estudos dos neogramáticos na evolução linguística, uma vez que ele, em detrimento do que fizera Hermann Paul (CÂMARA, 1975), negando o caráter científico da descrição do funcionamento da linguagem em recortes estáticos, considerou a importância do estudo descritivo para o fenômeno sincrônico que defendia firmemente em lugar dos métodos enaltecidos da evolução empregados até então.

Antes de Saussure, o estudioso alemão Anton Marty discordou de Paul chegando a esboçar uma ciência descritiva da linguagem para reagir ao ponto de vista fundamentalmente histórico defendido por ele. Contudo, seu trabalho foi fragmentário, incompleto e impróprio para o estabelecimento de uma abordagem nova para a linguagem:

Observe-se, entretanto, que o ponto de vista de Hermann Paul foi muito cedo criticado pelo linguista suíço-alemão Anton Marty. Seus escritos e palestras contra a abordagem exclusivamente histórica, em linguística, não teve muita repercussão em seu tempo. Deve ele, porém, ser mencionado como pioneiro por advogar a abordagem descritiva em oposição ao livro de Hermann Paul. (CÂMARA, 1975, p. 104)

É apenas com Saussure que ocorre a elaboração tentada por Marty. O linguista suíço executou tal tarefa nos cursos de linguística geral que ministrava nos primeiros anos do século XX na Universidade de Genebra da qual foi professor.

A sistematização de estudos anteriormente fragmentários com a ênfase no outro pilar do âmago da linguística, a descrição, traz um novo *status* para os estudos linguísticos que tomavam ares de ciência fortemente estabelecida. As ideias que deram forma à linguística tal qual a conhecemos na atualidade são provenientes de três cursos sucessivos ministrados em Genebra.

Mesmo sem publicar nenhuma obra sobre suas novas reflexões, Saussure teve seus estudos registrados e, após três anos de sua morte (1913), publicados por dois de seus alunos, Albert Sechehaye e Charles Bally. O livro foi intitulado *Curso de Linguística Geral* (1916).

Embora as reflexões linguísticas de Saussure, em aulas, tenham sido elaboradas no momento exato em que as emitia, Sechehaye e Bally foram capazes de registrá-las e sedimentá-las pela escrita, ação decisiva para o construto de algumas bases da linguística.

Na Universidade parisiense, Saussure se dedicou à gramática comparativa do indo-europeu que estudou principalmente na Universidade de Leipzig antes do surgimento dos estudos neogramáticos dos quais as figuras principais eram seus amigos. Da atenção dada por Saussure à gramática citada surgiu a obra *Memoir sobre o Sistema Vocálico do Indo-Europeu*, na qual, embora fosse apenas um estudante em Berlim, desfez ideias errôneas presentes desde os primórdios da linguística, a respeito da gramática comparativa.

Todavia, é o *Curso de Linguística Geral* que aparece como obra principal por dar novos rumos sistemáticos à linguística.

A natureza da linguagem foi o primeiro problema focalizado pelo estudioso com relação à linguística geral. Para Saussure, a linguagem era um sistema de signos que se apresentava como “a realização mais elaborada e mais completa do homem em sua capacidade de operar com signos” (CÂMARA, 1975, p. 129). Tendo em vista a ênfase nos signos, a linguística seria então um aspecto particular dentro de uma ciência geral que os estudava, a Semasiologia (estudo semântico que consiste em partir do signo linguístico para a determinação do conceito. O procedimento oposto é chamado de onomasiologia). Entretanto, Saussure transcendia tal ciência por achar que a língua era o meio mais completo e elaborado de utilizar o signo, devendo ser estudada *per se*. Esta última concepção referente à forma de estudar a língua atinge os estudos linguísticos estruturalistas que propõem segundo Costa (2008), que

[...] a língua deve ser estudada em si mesma e por si mesma. É o que chamamos estudo imanente da língua, o que significa dizer que toda preocupação extralinguística deve ser abandonada, uma vez que a estrutura da língua deve ser descrita apenas pelas suas relações internas. (COSTA, 2008, p. 115)

Tal consideração relacionada ao estudo linguístico imanente que Saussure já propunha nos primeiros anos do século XX foi seguida pelo pensamento de que a linguística, enfatizando a língua deste modo e como fortemente ligada à

utilização de signos, passaria de restrita a um aspecto particular da Semasiologia à base para a ciência que estava para ser erguida.

Nesse contexto também considerava a língua como uma entidade abstrata proveniente das relações entre sons vocais e conceitos que, convencionalmente, eram feitas pela comunidade. Assim, como Câmara (1975), os conceitos φωνή, relacionado ao som, e λόγος, ligado ao conteúdo, vistos separadamente por Aristóteles no estudo lógico, portanto paralinguístico, são ligados na visão saussuriana, passando a corresponder respectivamente ao que chamou de significante e significado, formadores da constituição dupla do signo: a imagem acústica (significante) e o conceito (significado). Como exemplo, temos o verbete “gato”, que é a imagem acústica para um conceito ou feixe de ideias, nesse caso, animal mamífero, carnívoro, felídeo domesticável com unhas retráteis e não um gato específico no mundo real. Assim, faz-se relevante não confundir estes conceitos com a palavra e a coisa indicada, uma vez que as duas nomeações não possuem materialidade. Abordando primeiramente a imagem acústica e depois o conceito, Saussure, no *Curso de Linguística Geral*, explica que

Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato.

[...] O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces [...] (SAUSSURE, 1995, p. 80)

O significante e o significado estão, portanto, em um plano psíquico e suas duas faces juntas (o signo) nos levam ao que é material, o referente. Mesmo que comumente se escute que, por convenção social, o signo é arbitrário, vale lembrar que a arbitrariedade está na relação entre seus constituintes anteriormente separados e considerados isoladamente por Aristóteles.

A respeito destes constituintes da dicotomia saussuriana, Bonnici (2009) coloca que o significante surge da diferenciação, pois segundo Saussure

[...] no que respeita ao significante linguístico; em sua essência, este não é de modo algum fônico; é incorpóreo, constituído, não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras. (SAUSSURE, 1995, p. 137/138)

Assim, o sistema linguístico está baseado na diferença. Bonnici (2009) observa ainda que a genialidade de Saussure está na dicotomia, uma vez que à

medida que os significantes mudam por diferenciação, isto é, se opõem (como em porta, corta, torta, palavras que possuem diferenças no fonema inicial), o significado também é alterado.

Notemos que em tal processo a noção de sistema é fundamental, visto que o valor de algo é estabelecido não pela sua materialidade, mas por sua relação diferencial com outro elemento do sistema.

Para explicar esse sistema de oposições de Saussure, Antonio Costa (2008) retoma a sua analogia do jogo de xadrez dizendo que

[...] o valor de cada *peça* não é determinado por sua materialidade, ele não existe em si mesmo, mas é instituído no interior do jogo. (...) pouco importa se, no xadrez, as peças são de madeira, ferro, marfim ou de outro material qualquer. A possibilidade de darmos andamento ao jogo depende exclusivamente da nossa compreensão de como as *peças* se relacionam entre si, das *regras* que as governam, da função estabelecida para cada uma delas e em relação às demais. (COSTA, 2008, p. 114)

Se substituirmos o material das peças em um jogo de xadrez, o jogo não sofre alteração em seu funcionamento, já que o valor das peças decorre unicamente das suas relações opositivas. O que é necessário, porém, é que os valores atribuídos a cada peça sejam diferentes entre si. Assim, o valor do cavalo não pode corresponder ao do bispo, tampouco ao das outras unidades, pois valerá opondo-se às demais. Como disse Costa (2008), basta compreender as relações entre as peças e as regras que as governam.

Da mesma forma no sistema linguístico, o falante deve utilizar as peças (sonoras ou não, tendo em vista o fato de o sistema priorizar forma e não substância — dicotomia que não será explorada neste estudo) governadas pelas regras gramaticais internas à língua.

Ao interpretar a língua como um sistema bem organizado, Saussure prestou um serviço relevante ao desenvolvimento da linguística por formular reflexões mais profundas sobre o confronto entre analogia e anomalia, estudado pelos neogramáticos, enquanto base para as noções da língua como um sistema. Segundo Câmara (1975, p. 130), a analogia “foi considerada por Saussure como um processo essencial para conservar a linguagem como um sistema a despeito da evolução fonética” que se liga à anomalia que, por seu turno, constitui-se como exceção à analogia.

O sistema linguístico considerado em bases analógicas que preterem a anomalia foi colocado numa perspectiva que trata das oposições de suas formas e elementos como citado acima.

As oposições colocadas por Saussure acabam servindo aos estudos fonológicos, tendo em vista que cabem à Fonologia “os estudos dos elementos fônicos que servem para diferenciar o sentido das palavras” (FONTAINE, 1978, p. 60).

Contudo, a ideia de linguagem como um sistema de oposições chocou-se com as variações da fala e com o que Câmara (1975) chamou de inconsistências de falante para falante ou de um único falante na interação linguística. Para resolver este impasse, Saussure propõe a seguinte divisão: a linguagem propriamente dita e o discurso que correspondem respectivamente à Língua (*Langue*) e ao ato de fala (*Parole*).

O falante expressa suas ideias através do discurso usando para isso o código linguístico e o mecanismo psicofísico necessários a seu objetivo comunicativo. Sendo utilizada para a realização do discurso, a língua encontra-se subjacente a esta atividade.

Embora Saussure tenha conseguido resolver o impasse com essa distinção, a referida dicotomia apresentou, segundo Câmara (1975), algumas informações confusas colocadas em dois pontos principais: ao afirmar que o discurso permite que o falante expresse seu pensamento pessoal, Saussure aproxima discurso e estilo e, por isso, chegou a admitir a possibilidade de duas linguísticas, a do discurso e a da língua. Entretanto, no segundo ponto, verifica-se certa simultaneidade decorrente do fato de que ao mesmo tempo em que se focaliza o caráter individual de todo ato linguístico, considera-se que a língua é comum a toda comunidade. Surge dessas possíveis “incongruências” uma dicotomia entre o discurso, enquanto um tipo de língua individual e a língua propriamente dita com seu caráter coletivo.

Para o novo impasse proveniente da associação do discurso tanto ao estilo quanto à língua individual, Saussure propõe uma mudança que o direcionava para seu objetivo que era desvincular do ato concreto do discurso o padrão linguístico ou sistema que faz a língua. Dessa forma, a linguística deveria centrar seus estudos no padrão linguístico subjacente ao discurso, aproximando-se do ímpeto linguístico dos falantes (*energeia*), e distanciando-se do produto linguístico (*ergon*), visto que transcende este conceito pela dinamicidade ausente em um simples resultado da utilização do sistema subjacente.

Vale ressaltar que estes conceitos, “*ergon – energeia*” foram colocados dicotomicamente por Humboldt no século XVIII e transcendidos por Saussure, uma vez que ele enfatiza um elo da dicotomia, *energeia*, mostrando um direcionamento ao estabelecimento da linguística enquanto ciência por determinar-lhe um objeto de estudo, a língua.

Com a evolução de suas reflexões, terminou por estabelecer a ênfase no padrão linguístico, subjacente ao discurso, no sistema, isto é, na língua.

Entre os indivíduos unidos pela linguagem seria estabelecido o que chamou de meio termo pelo qual todos poderiam reproduzir aproximadamente os mesmos signos ligados aos mesmos conceitos. Assim, como foi indicado por Costa (2008), a língua é um sistema supra-individual utilizado por uma comunidade para fins comunicativos. Sendo a parte essencial da linguagem, constitui um “tesouro” depositado nos cérebros dos indivíduos de uma mesma comunidade de maneira virtual a partir da prática da fala, só podendo existir completamente na massa e não individualmente. A sua existência decorre do contrato social de forma que não pode ser modificado por ações individuais. Segundo Saussure, embora exista um “tesouro virtual” na mente do falante, o seu funcionamento deve ser absorvido pela aprendizagem que ocorrerá na comunidade linguística a qual pertence.

A fala, por sua vez, refere-se ao uso individual do sistema linguístico constituindo-se como “um ato individual de vontade e inteligência” (SAUSSURE, 1995, p. 22), no qual é expresso o pensamento pessoal por meio de um mecanismo psicofísico que permite exteriorizar as combinações provenientes da utilização do sistema.

O estudo de um sistema comum a todos, a língua, se tornou mais produtivo que o estudo da fala permeada de variações ocorridas de falante para falante ou mesmo em um único falante em momentos de intercâmbio linguístico, pela sua generalidade. Por esse motivo, “não só pode a ciência da língua prescindir de outros elementos da linguagem como só se torna possível quando tais elementos não estão misturados” (SAUSSURE, 1995, p. 23). Ainda em justificativa da escolha do estudo da língua em detrimento do da fala, propõe que a análise desta seria dificultosa pelo problema de fixação advindo da impossibilidade de grafar os atos de fala em todos os seus pormenores. Quanto à fixação, a língua oferece vantagens, uma vez que

[...] é esta possibilidade de fixar as coisas relativas à língua que faz com que um dicionário e uma gramática possam representá-la fielmente, sendo ela o depósito das imagens acústicas, e a escrita a forma tangível dessas imagens. (SAUSSURE, 1995, p. 23)

Feitas estas observações a respeito da visão de Saussure sobre a língua enquanto sistema e da determinação desta como objeto de estudo da linguística, vale explicitar que foi essa visão de sistema que o levou ao estudo de estados

linguísticos independentes de evoluções temporais. Pode-se então **descrever** um momento dado de uma língua. Disso provém a inclusão do estudo descritivo na linguística para figurar ao lado do estudo histórico que prevaleceu, até então, e constituir o seu âmago, ou seja, o estudo histórico e descritivo como colocado anteriormente.

O linguista suíço-alemão Anton Marty foi o primeiro a defender a abordagem descritiva em contraposição à abordagem exclusivamente histórica que fazia Hermann Paul. No entanto, segundo Câmara (1975, p. 132), foi Saussure que desenvolveu este conceito novo e estabeleceu mais nitidamente “a descrição científica da língua à qual chamou de linguística *Sincrônica*, e o estudo da mudança linguística, ao qual chamou de linguística *Diacrônica*”.

Segundo o autor, o mérito de Saussure está além do desafio a Paul, que desconsiderava o caráter científico da descrição linguística, visto que focalizou o estudo descritivo e o da mudança como distintos, além de enfatizar que existia uma verdade sincrônica independente da diacrônica, o que separa linguística estática (estudo de um estado da língua) de linguística evolutiva (estudo da evolução da língua no tempo). Voltando à analogia com o jogo de xadrez, Saussure, comparando o linguista àquele que observa uma partida deste jogo, esclarece que

[...] o que acompanhou toda a partida não tem a menor vantagem sobre o curioso que vem espiar o estado do jogo no momento crítico; para descrever a posição, é perfeitamente inútil recordar o que ocorreu dez segundos antes. (SAUSSURE, 1995, p. 105)

Da mesma forma que é possível descrever, sem prejuízos, um momento de uma partida de xadrez pela observação, desconsiderando as jogadas anteriores, pode-se descrever também um estado de língua sem que a ausência da evolução do que precedeu aquele estado cause prejuízos ao estudo realizado. Assim como o movimento de uma peça do jogo constitui um novo estado, na língua, a movimentação de uma peça repercutirá no sistema, havendo uma nova sincronia analisável.

Para Saussure, o linguista deve se concentrar no estudo sincrônico, observando, portanto, “como se configuram as relações internas entre seus elementos em um determinado momento no tempo” (COSTA, 2008, p. 118).

Das colocações feitas até agora sobre a evolução do pensamento saussuriano, esta última é a que foi explicitada de forma mais coerente no *Curso de Linguística Geral*, segundo observa Câmara (1975).

Saussure morreu aos 56 anos e os demais pontos suscitados em suas reflexões foram desenvolvidos posteriormente por seus discípulos. Tendo em vista neste estudo, prioritariamente, a evolução do pensamento de Saussure e não a exposição de toda a sua teoria em conceitos, não abordaremos as demais dicotomias e conceitos propostos pelo autor. Diante disso, por hora, bastam as ideias apresentadas.

Considerações finais

Conforme Câmara (1975), embora a vida de Ferdinand de Saussure não tenha sido longa, conseguiu nos deixar um legado de valor incomensurável em relação aos estudos da linguagem. Ao enfatizar o padrão linguístico subjacente ao ato de fala, caminhou para o estabelecimento da língua como objeto de estudo da linguística. Além disso, desenvolveu o estudo descritivo que leva a abordagem sincrônica que permite estudar estados de língua em detrimento das análises históricas feitas até o momento. Tendo um objeto de estudo e um método de abordagem, a linguística pôde ser estabelecida como ciência da linguagem e aí está a relevância de Saussure por ser o seu fundador.

As repercussões de seus estudos foram muitas, seja para confirmá-los, como ocorreu com o estruturalismo, para aceitá-los com modificações como na teoria pós-estruturalista da literatura e no Círculo Linguístico de Praga, ou para refutá-los como na crítica ao objetivismo abstrato proposta por Mikhail Bakhtin.

Independente de confirmações ou discordâncias parciais ou completas, não se pode negar a relevância que a teoria de Saussure teve na história dos estudos da linguagem. Daí a importância de considerá-la, observando a construção do pensamento saussuriano, como base para a formação dos que se propõem a estudar a língua, isto é, o sistema de signos, e o seu funcionamento.

Na mesma direção, em suma, ratificamos a validade de um estudo com esta perspectiva que além de trazer a baila, novamente, alguns fundamentos da Linguística a partir de sua fonte primeira (Saussure), tributa a Mattoso Câmara a relevância de sua obra para a compreensão desta Ciência sob a ótica de um linguista de nossa terra: Brasil.

Referências bibliográficas

BONNICI, Thomas. Teorias estruturalistas e pós-estruturalistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria Literária: Abordagens*

- Históricas e Tendências Contemporâneas*. 3.^a ed. Maringá, PR: Editora Maringá, 2009, p. 131-157.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *História da linguística*. 6.^a ed. Traduzido por Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
- COSTA, M.A. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M.E. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 113-126.
- FONTAINE, Jacqueline. *O Círculo Linguístico de Praga*. Traduzido por João P. Mendes. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1978.
- HUMBOLDT, Wilhelm Von. *Linguistic Variability and Intellectual Development*. Translated from George C. Buck and Frithjof A. Raven. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Traduzido por Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.